A ARTE DE SEGUIR

Uma das condições exigidas por Cristo para alguém vir após Ele, é que se negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-O. Cada qual é livre de escolher o caminho que quer, mas se na realidade queremos seguir Cristo, não o devemos fazer de uma maneira superficial e fútil. É preciso haver entusiasmo e intensidade. O que é importante só pode ser conhecido quando é experienciado e intuído inteiramente, por nós, para que depois se torne parte integrante do próprio.

A personalidade é uma parte integrante do ser humano, ela é como um veículo, um meio de locomoção e de experiências, no entanto, da mesma forma que um cavalo tem que ser domesticado para que obedeça ao cavaleiro, também a personalidade deve obedecer aos ditames do espírito e não o contrário. Quanto melhor obedecer aos impulsos do espírito mais refinada se torna, e mais fielmente servirá o Eu Superior.

Devemos erguer todos os dias a cruz das nossas limitações e através do despojamento, trilhar a senda estreita da iniciação, seguindo as pegadas de Cristo. A Imitação de Cristo é pessoal e intransmissível, cada qual terá que aplainar as suas arestas, abrindo-se à renovação constante para não se atrofiar. O Cristo nunca voltou as costas a alguém com lepra ou a outros que estivessem doentes e a sofrer; o seu intuito era procurá-los para os poder curar e ajudar.

O objectivo da vida não é a felicidade, mas sim a experiência, a dor e o sofrimento são os nossos mais benevolentes mestres. A pessoa consciente sofre sem mágoa, não sofre revoltado atribuindo ao outro a culpa do seu sofrimento, porque crê nas leis do renascimento e de causa e efeito. Mas existem muitos que não assumem as suas próprias responsabilidades, estão sempre de mãos estendidas na pedincha, porque não fazem o trabalho de casa. Há uma parte interna, individual, própria, intransferível, que deve ser assumida por cada um de nós, responsavelmente, e que nos permite assumir o controlo do nosso destino e fazer o nosso trabalho conscientemente. É este trabalho que nos faz acumular tesouros no céu.

Nós sabemos que aquilo que somos nesta vida é o resultado do que fizemos em vidas anteriores e do que fomos construindo até aqui na presente reencarnação. A alma é, portanto, a experiência que o espírito obtém através dos corpos nas suas sucessivas reencarnações. A evolução requer aprendizagem contínua, e a vida é uma renovação constante, em que, parafraseando Heráclito: “a única constante é a mudança”. A vida é um convite perene de renovação e de crescimento. A pessoa deve aplicar-se no exercício da vida em toda a sua plenitude, empregando os talentos conquistados em vidas passadas e nunca se acomodando. Observemos a ciência ou a tecnologia em que existe um constante desenvolvimento, como imperativo da sobrevivência, e nós sabemos que quem não se actualizar, segue os trâmites normais: descamba, degenera e morre.

Na parábola dos talentos, o servo mau que enterrou o seu talento com medo de perdê-lo, não multiplicou as suas capacidades, e teve que o restituir ao seu dono – o Espírito. É como se nada tivesse realizado enquanto aqui andou. Não basta só devolver o que recebemos, temos que levar os frutos da nossa vida, levar algo mais, que justifique a nossa passagem por cá. A nossa finalidade é o crescimento anímico, sem ele não há evolução. Há uma lei maravilhosa que diz que: “as coisas divinas alimentam-se de si próprias e crescem.” Tomemos como exemplo, o amor: se dermos amor sem pensar em retribuição, este cresce dentro de nós, atraindo mais amor, daí que o Evangelho diga: “é melhor dar que receber, porque ao darmos já estamos a receber”.

“Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma, pergunta Cristo”? Ganhar o mundo significa, tomar posse das coisas materiais, considerando-as como único objectivo de vida e, simultaneamente, descurar os talentos divinos com que renascemos. O que se faz no plano humano fica no humano. Isto só acontece pelo uso indevido destes talentos, dos quais deveríamos ser fiéis administradores. Por exemplo, pela ambição desmedida do materialismo puro e duro; ou através de vícios degradantes que corrompem o carácter, e que depois se manifestam na próxima vida em deficiências, pelos abusos praticados. O mal não está nas coisas, mas sim no mau uso que nós lhes damos, pela prostituição dos talentos divinos, que servem a personalidade e não os ditames do espírito.

“Eu estou no mundo, mas não sou do mundo”

António Ferreira

2020-08-03